

PUBLICAÇÃO QUINZENAL,
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

ANO IV

LISBOA, 5 DE SETEMBRO DE 1919

N.º 77

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO

ANO..... 1\$40 || ESTRANGEIRO
SEMESTRE . 70 || ANO..... 3\$00
NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegouria) — TEL. 2337-C. — LISBOA

O RESPEITO À TRADIÇÃO E A TRANSFORMAÇÃO DE LISBOA

A proposito da transformação do Rocio, cujo projecto está sendo posto em pratica pela actual vereação Municipal, assumpto que tem sido largamente debatido pela imprensa citadina, a ponto de apaixonar a opinião publica, não poderíamos ficar calados.

Por isso vamos dizer de nossa justiça; mas só agora que os animos se acalmaram, as paixões se desvaneceram e as obras proseguem o seu curso em obediencia aos caprichos de quem, por nossa felicidade, só transitoriamente é detentor do mando na administração dos interesses municipaes da primeira Cidade de Portugal.

Devemos, porém, começar por frizarmos o facto de muito nos ter surpreendido o alarido feito protesto por mais esse crime de lesa-tradição; e a não filiar a sua origem n'um motivo politico, não comprehendemos a sua razão de ser.

Efectivamente, porque e para que se protestou, com uma pretensa e comica altivez, contra a transformação do Rocio?

Seria realmente por ofender a tradição?

Não nos parece, porque ella tem sido bastas vezes criminosamente ofendida, mesmo conspurcada, sem que ninguem tenha oposto o mais simples protesto aos vandalismos praticados.

E, senão, veja-se: Houve, porventura, alguém que se insurgisse contra a mudança de feição que foi dada á construção genuinamente pombalina da parte baixa da nossa capital, com a adição de quartos e quintos andares

nos predios existentes? Registou-se algum protesto pela berrante instalação dos Armazens Grandela, na rua do Ouro? Manifestou-se algum desagrado pela construção, na mesma rua, do feio e horrendo predio onde está instalado o Banco Lisboa e Açores? Alguem se lembrou de protestar perante a criminosá instalação do Banco ColonialPortuguez, n'um desequilibrado, copiado e inesthetico edificio da mesma arteria?

Ninguem em tal pensou; é, todavia, todas essas obras, que a meia duzia de progressophobos, sem idéas nem consciencia, deram a ilusão d'uma necessidade immediata e urgente para o inicio da transformação da nossa cidade em paralelo com a evolução das capitães estrangeiras, não passaram de estupidos crimes de leza-patria, de graves ofensas á tradição e á nossa historia.

□□□□

Não somos retrogradós, nem o póde ser quem — como nós — trabalha para o progressivo desenvolvimento do nosso paiz, para o desabrochar de idéas em novos horizontes, para o proseguimento da marcha na justa e direita estrada da criteriosa evolução, onde os emprehendimentos racionais são bem acolhidos; mas d'ahi a sancionarmos a pratica de parvoicadas como as que originaram essas *belas* obras e a sua defeza, vae simplesmente a distancia que separa os dois polos.

Porque—é bom que se saiba—se a transformação do Rocio constitue uma manifesta ofensa á tradição, os casos que acima apontámos não o são menos.

De facto, as edificações pombalinas, representadas nas praças do Comercio e do Rocio, nas ruas do Ouro, Augusta e da Prata, assim como nas ruas transversaes, constituem um monumento historico digno de tanta ou mais consideração da que dispensamos a outros, por ser o symbolo não só d'um facto de importante relevo na historia de Portugal, qual foi o da reconstituição da cidade apoz o terramoto de 1755, mas tambem a energia, a actividade o desembaraço, o patriotismo e a breve e criteriosa resolução do espirito emprehendedor d'esse vulto eminente que, por essa occasião, presidia á governação do Estado.

Esse vulto foi o grande ministro de D. José, o Marquez de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo, que não hesitou no caminho a seguir depois do cataclismo a que assistiu.

Justos e coherentes seríamos em conservar religiosamente intacta a sua monumental obra, como um dos mais preciosos padrões da nossa terra.

Infelizmente não o tem entendido assim uma meia duzia de disparatadas creaturas que estupidamente se compenetraram de que toda a Baixa devia ser arrazada para se reconstruir então uma cidade moderna, cheia de edificios copiados da França, da Inglaterra e da Austria, d'onde são oriundos os planos dos predios novos que vemos na Rua do Ouro.

—Como se a nossa Cidade se pudesse limitar ahi!!!...

Mas, coitados, a esses não os fadou a Providencia com entendimento para mais...

O pior é que eles são justamente os mais ousados e os menos escrupulosos, e por isso mesmo, os que teem conseguido e conseguem chegar um dia á administração publica, d'onde teem irradiado as *sapientissimas* idéas que, pouco a pouco, veem, com a maior

infelicidade, transformando a originalidade da nossa bela capital, proporcionando-lhe um aspecto que não se pôde definir n'um paiz civilisado, mas tem classificação n'uma nação de doidos.

E' assim de resto que já alguns estrangeiros nos tratam.

BIBLIOGRAFIA

«Respigando no passado»

DE ALFREDO PINTO (SACAVEM)

«Respigando no passado», é o titulo d'um precioso volume que o n'osso distincto colaborador, sr. Alfredo Pinto (Sacavem) acaba de fazer espalhar pelo mercado, n'uma elegante edição da Livraria Ferin.

Como o seu titulo indica, esse livro, que foi «escripto na historica vila de Cintra pelos anos de 1916-1918», como



se acha mencionado no verso da sua ultima pagina, é um delicioso repositório de factos da vida real que só se poderiam concretisar, com o espirito duplamente literario e interessante que revelam, por entre os suaves misterios da poetica vila, n'essa mansão que instinctivamente tem sugerido as mais belas paginas da literatura portugueza.

Alfredo Pinto (Sacavem) aproveitou bem a oportunidade; e esse seu ultimo livro confirma a justa consagração que lhe tem sido tributada, como homem de letras, consciencioso, como chronista e como investigador.

Justo é pois que lhe tributemos esta singela e despretenciosa homenagem, a que juntamos as nossas felicitações pelo brilhante resultado do seu belo trabalho.

D'ele extrahimos a encantadora descripção sobre a «Senhora da Peninha», que esmalta hoje a nossa pagina de literatura e que, por certo, ha de constituir o enlevo dos nossos leitores.

A NOVA LINHA FERREA INTERNACIONAL DE CANFRANC E A SUA INFLUENCIA COM LISBOA

SEGUNDO informações que colhemos, proseguem com a maior actividade os trabalhos de conclusão da nova linha internacional hispano-franceza, que atravessa os Pyreneos em Canfranc, esperando-se que seja aberta á exploração em 1921.

Essa linha, que vem dar uma grande importancia ás relações dos Pyreneos com o norte de Hespanha, virá, tambem, a ter uma grande influencia no trafego de Madrid-Paris, e subseqüentemente no de Lisboa.

A Hespanha e a França, separadas pela barreira enorme dos Pyreneos, só nos dois extremos d'esta famosa montanha—Hendaya e Cerbère—teem ligações ferro-viarias.

Todavia, para se assegurarem d'um inter-cambio entre a zona norte de Hespanha e os importantes centros de Turismo francezes, como Pau, Caute-rêts, Luchon, Toulouse etc., era-lhes indispensavel uma outra ligação. Agora, mercê da nova linha de Canfranc e das duas outras em construção—a de Lerida e a de Ripollí—esta ultima trazendo uma grande economia de percurso ás relações de Barcelona com Paris—desaparecerão as dificuldades actuaes, pois nada menos de cinco fronteiras em breve darão comunicação directa e rapida entre os dois paizes.

Damos a seguir um pequeno quadro comparativo de distancias, que não deixa de ser interessante para se analisar a diferença das duas grandes linhas—de Handaya e Canfranc—por onde em breve se fará o trafego de Paris com Madrid.

Via Hendaya :

Madrid a Hendaya.....	633 k.
Hendaya a Dax.....	86 »
Dax a Paris.....	736 »
	1.455 k.

Via Canfranc :

Madrid a Zuera.....	370 k.
Zuera a Turuñana.....	39 »
Turuñana a Jaca.....	83 »
Jaca a Oloron.....	81 »
Oloron a Pau.....	35 »
Pau a Dax.....	85 »
Dax a Paris.....	736 »
	1.429 k.

Diferença a favor da nova via de Canfranc..... 26 k.

Diferença de Pau a Madrid, pela mesma via de Canfranc..... 166 k.

Como se vê, ha apenas uma diferença de 26 kilometros a favor da nova linha de Canfranc; mas a importancia e a facilidade que ela trará para as relações entre Madrid e Paris n'um futuro proximo, traduzir-se-hão pela intensidade do serviço rapido internacional já previsto.

E', tambem, possivel que depois seja seguido o exemplo praticado pela Companhia do Norte de Hespanha, com o ramal de Zuera a Turuñana, que lhe deu um encurtamento de 33 kilometros de percurso n'um magnifico perfil, bastando para isso utilizar-se, em muito melhores condições, um ramal de Oloron a Ortez, o que permitirá encurtar o trajecto de cerca de 25 kilometros, tambem de excelente perfil.

Sobre esta linha ha, porém, um contra de grande importancia:—é a enorme altitude que ela atinge no tunel internacional, que é de 1.194 metros sobre o mar; enquanto que em Saragoça o limite maximo é apenas de 196 metros, ou sejam, pois, 908 metros que ha a subir n'um percurso de 177 kilometros, o que é muito importante.

Mas como, desde Pau ao grande tunel internacional, a tracção deverá ser feita por meio de machinas electricas, de alta potencia; e como nos consta que, do lado hespanhol, será adoptado o mesmo systema de tracção, esse mal ficará um tanto atenuado; e, por isso, é de esperar que o percurso por esta linha tenha maior facilidade e maior rapidez do que pela de Hendaya, para o que ha de concorrer o excelente perfil da linha de Madrid a Saragoça, que mais se acentuará quando n'este troço houver via dupla.

Ha, ainda, a facilitar o trafego por esta linha, o caso de se terem syndicado as duas grandes companhias hespanholas—do Norte de Hespanha, que até aqui tem explorado as linhas de Madrid a Hendaya e a de Canfranc, desde Saragoça, com a de M. Z. A., concessionaria da linha de Madrid a Saragoça, o que faz desaparecer, d'esta maneira, a possivel concorrência de interesses.

Vejamos agora o quanto pode interessar esta linha ao trafego directo de Lisboa com a França.

De Lisboa a Paris, por Madrid, ha hoje um percurso superior, em 222 kilometros, á da via directa por Pamplhosa, Vilar Formoso, Medina, Salamanca; mas muita gente prefere a viagem por Madrid pela agradável faci-

O TURISMO EM PORTUGAL

lidade de visitar a capital hespanhola.

Mas pela nova linha fica essa diferença reduzida a 196 kilometros que poderá ainda ser rebaixada a 170, se vier a fazer-se o ramal de Oloron a Ortez, e se em Portugal se encurtar, um dia, a nossa linha internacional por meio de um ramal de Ponte do Sôr ao Setil, o que dará simplesmente uma economia de cerca de 40 kilometros, ficando assim a via Madrid-Canfranc apenas n'uma inferioridade de cerca de 130 kilometros, o que nada representa para quem viaja por prazer, mas que é muito para quem tem o seu tempo contado.

A unica compensação que esse maior percurso pode ter é na facilidade de passagem por Madrid, para os que ali desejem ir.

A capital de Hespanha é hoje um centro importante de turismo, mercê da sua já intensa vida, dos seus magnificos e multiplos hoteis e dos seus extraordinarios museus. Convém, pois, que entre as capitães dos dois paizes da península haja a maior facilidade de comunicações, para que os beneficios do turismo se façam sentir em ambas.

Assim, com a criação da nova linha internacional de Canfranc, que será servida em Madrid pela estação de Atocha, poderá fazer-se um serviço de carruagens directas de Lisboa á fronteira franceza, atravessando-se a capital hespanhola.

No que diz respeito ás nossas relações com os Pyreneos, além de Pau, a nova linha fica n'uma inferioridade apenas de 12 kilometros em relação á de Salamanca, o que equivale a dizer que uma grande parte do trafego de passageiros se fará por Madrid, pois facil é presumir que, uma vez todas as linhas preparadas com os melhoramentos necessarios, ela venha a ser a mais comoda pela rapidez e pelo menor numero de trasbordos. Não queremos, porém, afirmar, que pela nova linha internacional se fará o serviço rapido e directo, Lisboa-Paris, não; esse serviço pertence justamente á linha Vilar Formoso-Salamanca — Medina, pois, em caso algum ela poderá competir em velocidade com esta; mas como nem todos os viajantes tem pressa, é natural que lhe dispute uma boa parte do seu já importante trafego, principalmente se pela via directa e normal não forem acautelados os seus legitimos interesses.

GUERRA MAIO.

Anunciam-se gratuitamente n'esta Revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do Paiz.

That is the question. Já o Hamlet disse o mesmo.

Pois nós dizemos tambem, não nos cançando de repetir: — Para haver turismo em Portugal é necessario:

— 1.º que essa industria não seja, como até gora, tida nem havida no nosso Paiz, á laia de diversão para os caturras e idealistas, nem como um ingenuo divertimento para os... amigos politicos, como tem acontecido. E' preciso que ela seja considerada a sério, como um factor de grande valia, indispensavel ao desenvolvimento da nossa riqueza económica.

— 2.º que, assim considerada, se *ponha a casa em ordem*, que é como quem diz — se prepare *tudo* cá dentro para não só se proporcionar aos portugueses que desejem viajar no seu paiz as comodidades que eles, com justa razão, naturalmente exigem, mas, ainda — e muito principalmente — para oferecer aos estrangeiros o encanto do repouso a que qualquer viajante tem humano direito depois d'uma digressão, e tudo o mais que ele já não dispensa hoje para se sentir atrahido em qualquer paiz.

Fóra d'estas bases, tudo quanto se faça ou se projete é simples musica celestial.

Por consequencia — e na rude expressão da verdade: ou se entra no verdadeiro caminho, pondo as pessoas e as coisas nos seus devidos logares; ou então, o melhor é deixarmos-nos d'isto, para não cahirmos no ridiculo de sermos comparsas d'uma comedia burlesca.

A sério, com intuitos claramente patrióticos, teem-nos a seu lado, com todo o leal esforço de que é sobeja mostra a forma porque temos pugnado, ha mais de trez anos, pelo estabelecimento em Portugal dos serviços de turismo, a fim de que essa portentosissima industria possa erguer o nosso paiz ao nivel que de direito lhe compete como nação civilisada e privilegiada pela Natureza, e d'essa situação tirar o incomparavel proveito que lhe é *absolutamente* indispensavel para atenuar a sua pavorosa crise económica.

D'outra forma — não.

Não incluímos no nosso programa simplesmente a obrigação de entretermos os ocios dos nossos leitores com descrições em que a realidade seja substituida pela fantasia; propuzemos, tambem, a defender por todas as formas, não um ideal utopico, tampouco a distração de meia duzia de caturras, mas a efectivação pratica

«TO BE OR NOT TO BE»

d'uma idêa que em paizes civilizados tem sido acolhida com carinhos extremos, com enthusiasmos atingindo o limite dos sacrificios.

Impuzemos a nós mesmo, no mais bem intencionado dos pensamentos, a obrigação de sermos uteis a uma causa atropiada pela falta de amparo, de condução, do patrocínio de alguém que lhe dêsse vida e alento. Deliberámos, tambem, proporcionar, dentro dos nossos recursos, o meios d'ela se desenvolver, já facilitando uma activa propaganda dos seus beneficios, quer apontando as razões da sua enfermidade, suggestionando a forma de lhe dar remedio; já enthusiasmando o grande publico a dedicar-lhe atenção, interessando-o na resolução dos problemas vitæes para a sua rapida e facil realisação, apurando-lhe ao mesmo tempo o espirito com o conhecimento proveitoso das nossas joias artisticas e historicas, com indicações aproveitaveis nos momentos destinados á sua distração.

Quizemos, e temos em parte cumprido o nosso programa.

A nossa voz, porem, ainda não conseguiu sobrepor-se aos interesses da politica, que n'esta malfadada terra infelizmente sobreleva a todos os outros, por mais caros que sejam.

Para simples prova d'esta asserção, basta citar que, em materia de turismo (que directamente é a unica que nos interessa) tudo está n'um verdadeiro cahos. Não ha uma centralisação de serviços. Não ha uma direcção superior, como não ha nada estabelecido a tal respeito. Ha uma desorganisação completa, porque a politica official e officiosa — e até mesmo a particular — se mete em tudo, tudo estragando, corrompendo e corroendo.

A politica não é só a «grande porca», como a pintou Bordallo Pinheiro. A politica é o maior veneno das sociedades, e o eixo em que se desenvolvem as tragedias burlescas a que dá motivo.

Ora, como portugueses e patriotas, continuaremos a trabalhar enthusiasmadamente para o bem da nossa patria. Como comparsas da farça que se está representando... nunca tivemos geito para... *brincar aos turistas*.

Precisavamos fazer esta confissão para continuarmos a escarpelizar as chagas que cada vez mais estão enfermando este depauperado organismo, onde as nossas injeções não são —

segundo parece — suficientes para a cura das maleitas. Não queremos impossíveis, simplesmente desejamos que se aproveitem as boas vontades, as energias e os esforços dos que estão ainda dispostos a proseguir na defesa da causa que não é só da Repartição de Turismo, da Sociedade de Propaganda e da nossa Revista, mas de todos os portugueses.

JOSÉ LISBOA

Museu Bordalo Pinheiro

A propósito do artigo em que, n'um dos ultimos numeros d'esta Revista, notificámos a abertura do precioso Museu Bordalo Pinheiro, recebemos uma amavel carta do nosso respeitavel amigo sr. Cruz de Magalhães, na qual, depois de imerecidos agradecimentos ás nossas palavras — que sendo de justiça não esperavam nenhum galardão — nos indica uns leves reparos que essa nossa noticia lhe sugeriu. A eles vamos dar publicidade, não só por uma muito legitima consideração, como para esclarecimento da verdade que, talvez por um natural e desculpavel aprumo de fantasia, inofensivamente obliterámos.

Assim, pois, permitimo-nos aliberdade de transcrever a parte da sua apreciada carta que contem esses reparos.

«No belo artigo de V. ha leves reparos que peço licença para notar. Esta vivenda não foi, no todo, consagrada ao Museu, como pôde deprender-se do seu artigo, mas somente o primeiro andar. O rez-do-chão deajo que seja utilizado para a Escola official feminina do Campo Grande, na impossibilidade de vêr n'ele instalado o museu de ceramica do egregio Rafael Bordalo Pinheiro.

«Do facto de eu não ter podido gozar a honra e o prazer de ser um humilde cicerone de V., resultou um outro lapso: — as muletas não foram o derradeiro amparo do glorioso caricaturista, que felizmente morreu sem precisar de tal arrimo. Serviram-lhe, sim, quando quebrou uma das pernas, e e somente enquanto não poudo servir-se d'ela desamparado.

«Houve, ainda, uma outra confusão: Rafael Bordalo Pinheiro nunca usou monoculo com largas fitas, nem tal se vê n'este museu.

«Se faço estas simples rectificações é por se tratar d'um mancebo consciencioso, como V. é, e d'um artista insigne para quem todo o rigor historico é devido.»

Satisfeitos, d'esta fôrma, os desejos do nosso preclaro amigo, sr. Cruz de Magalhães, só nos resta penitenciar-nos das faltas a que uma insufficiente memoria nos compelliu; felicitando-nos, todavia, por elas terem dado motivo para mais uma vez testemunharmos o grande apreço em que temos esse respeitavel amigo e admirador de Bordalo Pinheiro, a quem, por este meio, endereçamos os nossos agradecimentos pelas sinceras amabilidades que na sua carta nos dirige.

Aproveitando este ensejo, informamos que o Museu Bordalo Pinheiro deve reabrir brevemente, enriquecido com mais 150 originaes, á pena, do glorioso artista.

Cruz de Magalhães, logo que tenha concluido os preliminares indispensaveis, doará o seu Museu á Nação Portuguesa.

Esse seu gesto é bem o d'um portuguez de lei, filho amantissimo que honra uma Patria.

J. L.

CARTAS DE PARIS

Cauterêts—O lago de Goube e o Pèguère. Uma excursão emocionante.

Um cão sequioso—Toulouse

CAUTERÈTS é uma pequena cidade esmagada nas profundezas d'um apertado vale, onde a agua sulfurosa brota em torrentes. Os montes que a circundam, elevam-se a mais de dois mil metros sobre o mar e quasi a um milhar e meio sobre Cauterêts. Mas nos Pyreneos a configuração do terreno é sempre a mesma, pois desde Hendaya a Cèrbère jámais essas montanhas, algumas afiadas como lanças, deixaram alargar o vale, nem dilatar

Mundo inteiro. Ali se teem constatódo diversas curas de males da garganta impacientemente sofridos pelos mais afamados cantôres. N'ela tambem procuram lenitivos os mais rebeldes neurasthenicos.

As suas multiplas nascentes e os seus varios estabelecimentos de banhos, dotados da mais rigorosa hygiene, são cuidados com o maior desvelo por parte da sua direcção. A esta bela acção do homem junta-se a da Natureza, que lhe proporciona um ar leve, puro, um grande ar de montanha, que completa a cura, trazendo ao espirito o tonico indispensavel para refazer as forças perdidas, ao mesmo tempo que um atraheite repouso insufla, á vida esgotada, novas energias, um mais vigoroso alento.

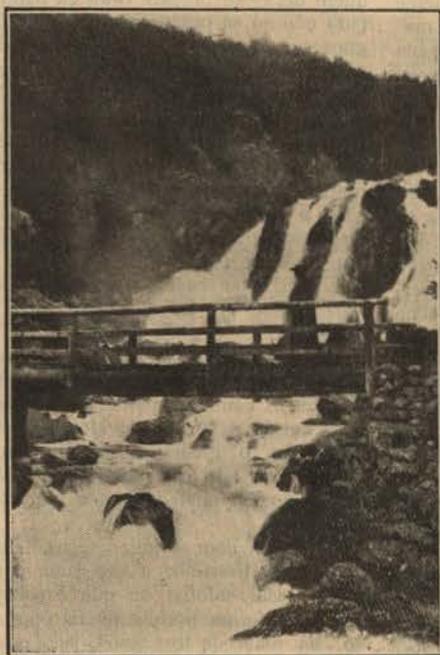
Sempre tivemos a Natureza como a maior obra do creador, suprema intelligencia; e a cada passo admiramos a sua acção, que aqui tanto se evidencia.

Por todo o vale e nos mais reconditos concavos da montanha brotam nascentes de purissima agua; mas junto encontra-se sempre um abrigo para os aqvistas que teem de fazer jornadas a pé tão necessarias a uma perfeita cura. E' certo que todas elas estão ligadas por excellentes estradas, e a mais importante «La Raillere», tem communicação directa com Cauterêts por uma linha electrica; mas apesar d'isso muita gente prefere o passeio a pé, d'uma escassa meia hora; pe-

quena jornada que me era agradavel todos os dias fazer aos primeiros raios do Sol, o que, aliás, não era cedo, pois só quando ele já vae alto é que aparece a afagar as profundezas do vale.

□□□□

Varias excursões fazem parte dos atractivos oferecidos ao turista: ao alto das montanhas, aos recantos das cascatas e á tranquillidade dos lagos. Todos me foi dado gozar; e a primeira, ao lago de Goube, na companhia d'um estimavel velhote, foi-me muito agradavel. Devo, porém, dizer que o meu companheiro era velhote



Cauterèt

as aguas d'um tranquilo lago. Tudo é apertado e sinistro. A nevé, nos maiores calores do estio, povôa as altas quebradas da montanha, sem que o Sol a possa dissolver; e, no inverno, ela é tão basta e tão constante que derruba os maiores penedos, na ancia de ganhar o vale e desfazer-se nos turbulentos ribeiros, que em constante cascatas veem até á tranquillidade da imensa planura que se segue a essa barreira invencivel dos Pyreneos, fronteiras graniticas de Hespanha.

□□□□

Cauterêts é uma das mais afamadas estancias thermaes da França e do

só na idade, pois o vigor com que maneja as suas pernas ao cabo de 67 anos de intensa vida, dá-lhe bem o aspecto d'um rapaz em plena mocidade.

E' um velho amigo de Cauterêts, e um devotado alpinista, que até para se divertir distribue bilhetes de visita dirigidos d'esta maneira:

LOUIS BESSON

Guia seguro, amavel, devotado e baratinho

Pois em nada falta ás afirmações contidas no seu bilhete; apenas a ultima se converte sempre n'um amavel convite para se visitar as suas vastas propriedades de Chalon-sur-Saône.

Esta sympathica creatura, abandona anualmente a sua casa para fazer uma estação em Cauterêts, onde o tratamento que imprime aos seus *achaques* é subir diariamente 10 kilometros de montanha, pela parte mais escabrosa—por signal, para em seguida almoçar as magnificas trutas do Lago de Goube, o que lhe causa uma verdadeira delicia.

Lá fui com ele, n'uma radiosa manhã, para admirar não só as soberbas arribas que cercam o lago, como o seu perfeito caminhar e o seu excelente appetite...

Uma nota curiosa é que este homem admiravel, para fazer a completa delicia dos seus convidados, tem guardado, na casa do guarda-florestal, uma série de vidros de côr, destinados á observação das phantasticas visões que apresenta, olhando-se através d'eles, a cascata da Ponte de Hespanha.

E' um artigo que vae fazer parte da minha bagagem de excursionista, e com prazer o recomendo aos leitores d'esta Revista, para uso nas suas excursões.

Outro passeio tambem superiormente belo, mas muito mais cheio de emoções, foi ao Pèguère, a alta montanha que ameaça esmagar Cauterêts.

Era conveniente que para esta excursão a caravana não se compusesse de mais de cinco pessoas. Partimos, pela manhã, cada qual com o seu pau ferrado e com a sua audacia. E que é preciso tel-a, não ha duvida, pois não se sobe uma montanha cortada a pique, com um caminho estreito, encarrapitando-se em continuos precipícios e com 80 interminaveis loce-tes, sem a gente se compenetrar de que a vida só vale para estas emoções.

O caminho fôra outr'ora seguro; hoje está derrubado pela cahida dos pedregulhos da montanha. Em toda a parte se topa um abismo. Mas vamos lá por ahi acima, que quem fez aquela ingreme estrada, com pouco mais de um metro de largura, ainda era mais audacioso. Trez horas depois, estavamos no Terraço, a 2.000 metros de altitude, 1.030 acima de Cauterêts, e d'onde a vista se alarga pelo vale de St. Savin e pela imensa planura que se succede a Lourdes.

Almoçamos ali. Na estreiteza do vale, lá muito em baixo, aninha-se Cauterêts, parecendo uma minuscula aldeia de brinquedos infantís. Os seus telhados de lousa dão a visão que alguém da montanha ali derramou uma mão cheia de chumbo.

Partimos novamente. M.^{lle} Margot Cier, conhecedora bem do caminho, tomara o comando da caravana; e sua irmã M.^{lle} Jeanne, assumira a direcção da prudencia. Enquanto uma, cheia da audacia descuidada dos 18 annos, incutia coragem para subirmos até o cimo da montanha, agora em caminho mais escabroso, a outra aconselhava prudencia. Aqui estatelou-se um official americano; além cahiu, rolando no abismo, um aquista imprudente; e muito mais coisas terriveis se tem registado n'esta paragem. Mas a alegria moça e descuidada deu coragem e animo á caravana, e duas horas depois estavamos no ponto mais alto do Pèguère, (2.252^m) onde, n'uma estreita varanda, repousámos, olhando com delicia os vales estreitos, cahidos a nossos pés, e divisámos para o além, muito ao longe, as primeiras terras de Hespanha.

A tarde cahia quando descemos, agora por outro caminho, para termos uma maior sensação, bem tocante por signal.—Foi quando todos, quasi mortos de sede, achámos emfim uma pequena nascente, cuja agua, n'uma pequena bacia entre o mato, se nos oferecia appetosa. Mas sede foi essa e bem dura, porque o «Patou», um grande cão que nos acompanhava, obedecendo ás leis da Natureza, precipitou-se na pequena fonte e bebeu a agua toda!...

Finda a temporada de cura, de repouso (repouso ás vezes bem fatigante!) parti para Toulouse, sem me detêr em Luchon, como era meu desejo.

Toulousa é uma interessante cidade de 150.000 habitantes, recortada pelo Garona, com ruas largas e bem providas de arvoredo, com belos jardins e bons estabelecimentos.

Isto foi o que pude vêr n'uma curta tarde; pois no dia seguinte o comboio levou-me a Ax-Les-Thermes, de que depois falarei, bem como de Toulouse.

Guerra Maio.

«Riso da Victoria»

EM virtude da permuta que acaba de ser estabelecida entre a Revista de Turismo e o «Riso da Victoria», temos recebido os ultimos numeros d'este interessante e espirotooso quinzenario, cuja direcção foi habilmente confiada a Jorge Barradas e Henrique Roldão.

Agradecendo e esperando a continuação das visitas do novo e estimado colega, endereçamos á sua Direcção os nossos cumprimentos de boas vindas e os mais fervorosos votos pelas suas continuas prosperidades.

EXPEDIENTE

Renovação das assignaturas

Lembramos aos assignantes da «REVISTA DE TURISMO», que quizerem renovar as suas assignaturas o serviço que nos prestariam enviando em vale do correio para a nossa Administração, Largo Bordoal Pinheiro, 28, Lisboa, a importancia correspondente ao novo periodo (semestre \$70 — ano 1\$40), a fim de não só não soffrerem interrupção na remessa da nossa Revista, como tambem para nos poupar as enormes despesas que hoje acarreta a cobrança pelo correio.

Os assignantes da «REVISTA DE TURISMO», procedendo d'esta forma, praticam um acto de patriotismo, pois mais uma vez beneficiam uma publicação que é unica em Portugal e que é forçoso que não acabe.

A «Revista de Turismo»

Vende-se em HESPAÑHA nas bibliotecas das seguintes estações:

Manzanares, Medina del Campo, Mérida, Madrid e Badajoz.

ARTE E LITERATURA

SENHORA DA PENINHA

(RECORDAÇÕES DE UM DIA DE RESPLENDENTE OUTOMNO)

«O' Senhora da Peninha
Desça a baixo e dê-me a mão,
A sua serra é tão alta,
Qu' até treme o coração.»

(cantiga popular)

A DIOGO MACHADO

DEPOIS de uma semana de chuva impertinente, de intenso frio e de continuo nevoeiro, appareceram uns dias risonhos de sol, tendo-se rasgado o ceu em um crescendo de luz que veio beijar as casas da aldeia, enchendo-as de alegria e de uma nova vida.

Quando, de manhã, abri as janellas do meu quarto, todo o campo, desde os pinheiras ao longe até os relvados floridos das quintas mais proximas, tudo respirava frescura e viço, e as gottas de orvalho pendentes das folhas e dos caules, assemelhavam-se a pequenos diamantes suspensos por mãos de virgens, que tivessem passado pelos bosques, esquivas e fugidias.

Destinei uma linda manhã d'esse outomno acariador, para subir a serra e visitar o alto penhasco, onde está situada, como querendo rasgar os ares, a capella da Senhora da Peninha.

Pelos pendores, alguns pastores, rapazolas de caras queimadas pelo sol, envoltos em grossas mantas riscadas, guardavam os gados; ao passo que nos valles, sob aquelle silencio typico das montanhas, os lugarejos iam apparecendo, parte ainda envoltos pelas nevoas da noite.

Das chaminés subiam espiraes de fumo; pelos lares iniciava-se o labor do dia; e de toda aquella paisagem rythmica de beleza brotava o doce perfume da rusticidade.

Bandos de milhafres e corvos levantavam-se das penedias e atravessavam os espaços em largos vôos, sobranceiros aos cumes dos montes.

Largando a estrada que guarnecia a montanha desde Collares, no local chamado a «ponte da urca», embrenhei-me por um pequeno carreiro pedregoso que, em caprichosos zig-zagues, se estende por mais de dois kilometros até o monte de rochas escarpadas que sustenta a interessante capella.

Tres lanços de escadas construidas em pedra, conduzem os visitantes a um adrosinho, de grandes lages, d'onde se pode gozar um deslumbrante panorama, cheio de majestade. Na frente, o oceano Atlantico, cabo da Roca e Azoia; para a direita, Collares, praia das Maças, Azenhas do Mar, Magoito, Ericeira e Berlangas; para a esquerda, Cascaes, Estoris, Lisboa.

A Senhora da Peninha possue, dentro da affavel humidade, os seus pergaminhos de nobreza; e quando contemplei o abandono a que foi condemnada, não posso deixar de reprovar o desleixo dos nossos governantes e a falta de sentimento esthetico que existe n'aquelles que o deveriam possuir, já pela sua instrucção, já pelos altos cargos que desempenham.

Sobre a origem da devoção a esta Senhora, temos que a estudar sob dois aspectos: pelo lado prosaico que a Historia nos conta e pelo perfume poetico que a lenda nos revela.

Um misero pedreiro, Pedro da Conceição, resolveu passar o resto da vida em adoração á Virgem; e, tendo visitado aquelle monte, pensou em construir alli uma capella. Passados tempos a ideia transformou-se em realidade e pouco a pouco a capellinha ia surgindo quasi como milagre, á custa de esmolas.

Pedro da Conceição não foi visto com bons olhos pelos Padres Vicentes e pelos Carmelitas, que lhe fizeram immensa guerra. Depois de varias questiunculadas tudo acabou em bem para o pobre operario e este terminou a capella, alem de varias casas para romeiros que alli iam todos os annos.

Tu, leitor, se fores crente, poderás resar por elle uma *Avé Maria* quando olhares para o seu epitaphio, gravado em uma lage do adro. Alli viveu 35 annos, longe de tudo e de todos, com a alma entregue a Deus.

Ligada á construcção da Senhora da Peninha, corre uma delicada lenda, poetica e sentimental como tudo que brota da alma portugueza.

Estamos no reinado de D. João III.

Vivia na aldeia de Almoinhas Velhas, uma triste rapariga, pastora, que todas as manhãs partia para a serra, guardando gado. N'um dia de nevoa, uma ovelha branca fugiu e a pobre pegureira, chorosa, correu todos os montes á procura d'ella, até que a avistou ao longe, no cume mais alto da montanha. Cheia de medo, pelos agrestes caminhos, lá conseguiu chegar, quando perante a sua vista, viu uma menina muito formosa junto á ovelha! A pastora afflicta, tremula, pediu á menina que lhe desse a ovelha, pois lhe fazia muita falta.

N'aquelle tempo havia grande mingua de trigo, tendo ficado admirada a pastora quando a menina, de rosto risonho, lhe disse que podia levar a ovelha e que lhe desse pão, pois sua mãe tinha na arca algum trigo. A pastora quando chegou a casa, chamou pela mãe, contando o succedido; a desolada mulher ficou doida de contente, pois até aquelle momento sua filha era muda! Ambas foram á arca e acharam seis pães! No dia seguinte os paes da pastora e mais pessoas da aldeia foram ao cume da montanha, e no local onde appareceu a menina, descobriram entre umas pedras a imagem da Senhora que hoje se venera. Mais tarde trouxeram a imagem para a igreja proxima de S. Saturnino; porém a Senhora por tres vezes voltou para a montanha, onde ficou até os nossos dias.

Eis a lenda que tem corrido pela bocca do povo, como simples narrativa mystica, nascida na crença popular e tão bafejada de ingenuidade e pureza.

Hoje podemos admirar os lindos azulejos azues e brancos pelas paredes e tecto da capella, e a imagem da Virgem talhada em pedra.

As casas dos romeiros encontram-se em ruinas, parecendo que passou por alli a voragem, a febre da destruição!

Foi de tarde, quando descí a serra; e lá ao longe, a capellinha toda rodeada da luz vermelha do poente, revelou-se para mim o puro symbolo d'outras eras, onde a Fé illuminava os corações dos nossos antepassados, dando-lhes coragem e heroismo.

ALFREDO PINTO (SACAVEM)

Do Livro «Respirando no passado»

A CASA PORTUGUEZA

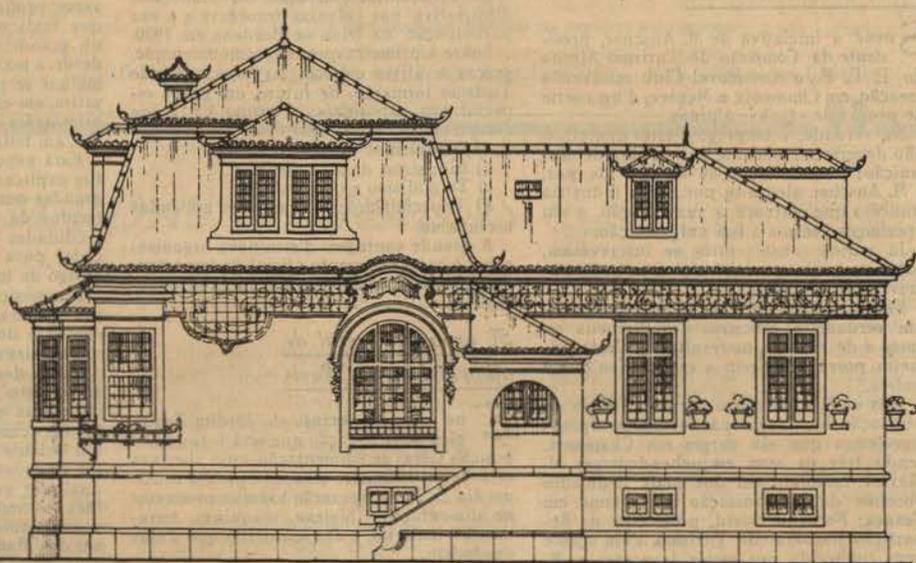
O ESTORIL HERDEIRO DA TRADIÇÃO

Agora, que se fala entusiasmadamente na construção d'uma aldeia portugueza em França, para perpetuar a presença dos nossos heróicos soldados no grande cataclismo mundial, justo é referirmo-nos, mais do que nunca, ás casas de estilisação tradicionalista que estão projectadas para edificação no Estoril, bela estancia que —segundo nos parece— vae ser o mostruario da nossa arquitetura verdadeiramente regional e tradicionalista; e assim seja.

Realmente não fazia sentido que no estrangeiro figurássemos com uma *aldeia portugueza*, onde principalmente as casas tem de fielmente interpretar a verdadeira estilisação da nossa arquitectura, sem que no nosso proprio paiz pudéssemos mostrar aos visitantes a origem do que em França vamos fazer representar.

Felizmente que a Empreza Estoril teve a patriótica idéa de obrigar os planos das casas a construir nos terrenos que circundam o seu belo parque, a um estilo genuinamente nacional; porque, de contrario, dar-se-hia o caso pitoresco de qualquer visitante extranho se supor em toda a parte onde o espirito imitativo das construções abundasse (como succede no nosso paiz), mas menos em Portugal.

desnacionalisação das construções e com a inconcebível amalgama de estilos, de gostos e de vaidades, em mistura com um refinadissimo molho de falta de senso, cahiriamos na mais ridicula e mais estúpida das situações, que nos humilharia perante nós pro-



prios e de toda a gente que viesse Portugal, pois constataria, sem esforço, o absurdo provado de que este paiz, era de *macacos doidos*, e não de portuguezes.

As gravuras que publicamos, representam o projecto do distincto architecto Sr. Norte Junior, apresentado ao concurso que foi recentemente aberto pela Empreza Estoril, para edificações no seu vasto e elegante parque.

Esse projecto foi — aliás — já aproveitado pela Companhia de Credito Edificadora Portugueza, que tem tambem a seu cargo, no mesmo local, a construção de outras casas em estilos absolutamente regionaes.

Norte Junior, que é um artista verdadeiramente portuguez, teve mais uma vez a consagração do seu genio n'esse

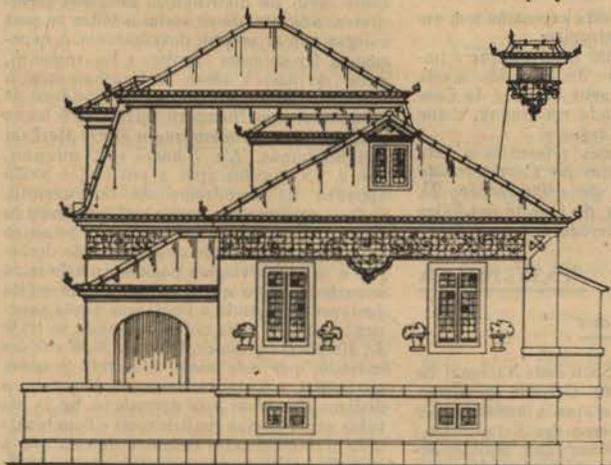
projecto que é o segundo aceite e em construção pela Companhia acima citada, o qual obedece á estilisação tradicionalista da época de D. João V.

Pelas duas gravuras que inserimos, pode avaliar-se quão interessantes são as fachadas d'essa habitação, que depois de concluida constituirá, sem duvida, uma das mais apreciaveis obras do distincto architecto, pela correção das suas linhas, pela conjugação, em harmoniosa circumstancia, de todos os

detalhes que lhe dão a perfeita característica do estilo que representa.

Pelas suas condições geraes, é uma bonita e comoda vivenda que irá embelesar mais o já sumptuoso Parque das Thermas do Estoril, onde felizmente só são permitidas edificações escolhidas com escrupuloso criterio, a fim de evitar que se *estrague* o belo recinto, como tem acontecido a outros muitos, dignos de melhor sorte, por inconscientemente se ter permitido toda a classe de *barracas* inestéticas e de gosto depravado, da auctoria de pseudo-architectos que por ahi enxameiam, sem terem nenhuma habilitação artistica e, ainda menos, gosto para fazerem qualquer cousa toleravel.

D'esta sorte, quando o formoso parque se achar completamente circundado de edificações representando a mais lidima estilisação portugueza, os seus diversos aspectos serão, sem duvida, motivos para, conjuntamente com as demais condições do local, atrahirem uma imensa e selecta concorrencia de turistas estrangeiros, que, por certo, muito apreciarão essas construções, diferentes absolutamente das que eles possam ter visto nos outros paizes por onde passaram. Por isso não temos senão a confirmar os nossos louvores á Empreza Estoril.



Se não fosse a providencial iniciativa d'essa Sociedade, que, felizmente, comprehendeu bem o seu dever, dentro em pouco, com o desvario da



FRANÇA

Uma criação franceza

Sobre a iniciativa de M. Auscher, presidente da Comissão de Turismo Alpino do T. C. F., o Automovel Club resolveu a criação, em Chamonix e Mégève, d'uma série de provas de «tanks» alpinos.

Na verdade, o emprego d'estes aparelhos não deveria ser sómente para a obra de destruição; assim teremos os «tanks» de paz, e M. Auscher alegra-se por ser a industria franceza que pertence a sua criação, o seu aperfeiçoamento e a sua vulgarização.

Já varios constructores se inscreveram, entre os quais o celebre fabricante d'automoveis, M. Renault.

Para o proximo ano organizar-se-ha, então, um verdadeiro concurso nos Pireneus, se, como é de esperar, os resultados d'esta primeira prova atingirem a espectativa que a rodeia.

Mas onde e de quem surgiria a ideia da utilização dos «tanks» para o turismo alpino? Revelemos que ela surgiu em Chamonix, sendo três os seus emprehendedores; M. Marcel Sembat, um dos mais dedicados obreiros da reorganização do turismo em França; Fernand David, presidente da Repartição Nacional de Turismo, cuja ação é bem conhecida nos meios francezes, e M. Auscher, um outro acerrimo defensor do turismo e que infalivelmente se encontra sempre que uma feliz iniciativa se apresenta.

A favor do turismo nos paises libertados

Por M. Revault, deputado, foi apresentada recentemente na Camara franceza uma proposta de lei tendente a pôr á disposição da Repartição Nacional de Turismo uma soma de 30 milhões de francos para a exploração, por conta do Estado, dos circuitos criados por ela na zona das batalhas, afim de neles proceder á instalação de casas ou barracas destinadas ao alojamento e abastecimento dos visitantes. O reembolso d'esta quantia será feito por um desconto a fixar, não devendo, contudo, exercer 10% das receitas diarias. Uma metade d'este desconto revertirá em proveito das comunas devastadas do departamento em que se encontrem colocadas estas instalações, e a outra metade será destinada á amortização do capital adiantado pelo Estado.

Segundo as clausulas da proposta apresentada, os hoteis, cujo estabelecimento nas zonas devastadas seja anterior á guerra, serão obrigados por prioridade a assegurar a exploração dos hoteis ou restaurantes que forem provisoriamente creados ali pela Repartição de Turismo.

Federação colonial das exposições

Por ocasião da ultima reunião mensal da Repartição Nacional das Federações, M. Auscher chamou a atenção da respectiva comissão para as duas importantes questões seguintes:

1.º Participação das Associações de Turismo nas Exposições.

2.º Creação da federação dos Sindicatos d'Iniciativa nas colonias francezas e a sua participação na feira de Bordens em 1920.

Sobre a primeira questão, comunicou que, graças a átvos esforços, as Associações de Turismo formarão, de futuro, um grupo especial nas exposições: o grupo VI-D que compreenderá as classes:

- Organismos turisticos.
- Industrias de alojamento.
- Termalismo e climatologia.
- Especializações industriais applicadas ao turismo.

A grande vantagem d'esta nova organização é o reconhecimento oficial da importancia do turismo pelo comitê francês de exposições.

A exposição geral de alimentação em Paris

Eno soberbo recinto do Jardim Zoológico de Aclimação que terá logar a Exposição Geral de Alimentação, cuja abertura está definitivamente marcada para o proximo dia 25. N'ela figurarão todos os productos de alimentação e hygiene, maquinas, ferramentas, material, e das industrias que d'elas dependem.

Uma secção importante é reservada á industria hoteleira que, como se sabe, é um dos principaes fatores da prosperidade e riqueza da França.

As escolas hoteleiras, as escolas de aprendizagem e as «Camaras de Officios» dos diferentes ramos da alimentação, não foram esquecidos. Estas diversas instituições serão representadas de forma a facilitar ao publico a apreciação da sua utilidade e os resultados felizes que se devem esperar para o futuro.

Acrescentemos que esta exposição tem um fim duplo: util e filantropico;

Com effeito, o Comité resolveu que a importancia dos direitos da admissão a este certamen reverta a favor da obra da Casa de Alimentação, situada em Dugny, e que foi fundada por M. Marguery.

Todas as informações referentes a esta exposição são prestadas no *Comissariado Geral da Exposição de Alimentação*, 23, Avenue Vitoria (Siege du Comité des Fêtes de Paris), Paris (1.º Arrondissement).

AMERICA

Exposição de tecidos

Sob os auspícios da Sociedade Nacional de Manufatureiros de Calçado e Roupas branca da America e com a assistencia e sanção official do Governo dos Estados Unidos e da União Pan-Americana, realizou-se em Filadelfia, no mês do Junho ultimo, a primeira exposição internacional de tecidos americanos.

Esta exposição foi, talvez, a mais importante das levadas a effeito pelos industrias americanos de tecidos, tendo atraído com-

pradores de todas as partes do Mundo, que na grande Republica dos Estados Unidos encontraram, alem d'um muito simpatico acolhimento, as maiores facilidades sobre todos os pontos que podiam interessar ás mais estreitas relações commerciaes.

Os convites dirigidos aos diferentes mercados do mundo foram em numero consideravel, a que correspondeu uma seléta concorrência de commerciantes, principalmente das especialidades que constituíam a exposição.

Um dos numeros interessantes do programa d'esse certamen, foi o que se referia ás distrações a proporcionar aos seus visitantes nas horas que lhes sobejaram dos seus deveres profissionais; e assim atendeu-se ao que mais os poderia elucidar sobre a vida no grande paiz Yankee, mostrando-se-lhes desde a mais subtil intimidade até o que de melhor se pode conceber em recreios de espirito, em exceçoes modernismos, em manifestações do mais inventivo e ousado génio, em todas as fases da arte.

Esta exposição teve, principalmente, por fim explicar ao estrangeiro o que se faz nos grandes centros productores da America, em tecidos de todas as qualidades e quaes as facilidades que eles estão dispostos a conceder para que a sua expansão esteja ao abrigo de toda a concorrência.

A exposição occupava uma area de 175.000 pés quadrados, n'um vasto terreno onde o conjunto dos diferentes pavilhões produzia um admiravel effeito.

Como demonstração de interesse que os americanos mostraram para a expansão das industrias que se representaram n'esse certamen, acrescentaremos ainda que, em cada um dos diferentes pavilhões, havia interpretes de todas as linguas de forma a elucidar qualquer estrangeiro que os visitasse. Essa ideia, altamente benefica para compradores e vendedores, partiu da Associação Nacional dos Manufatureiros de Calçado e Roupas branca, organizadora da exposição, que por esse facto recebeu as mais inequivocas provas de reconhecimento de todo o commercio americano.

INGLATERRA

Progresso da aviação

O *Daily Mail*, o grande quotidiano de Londres, acaba de empregar a aviação como meio de distribuição dos seus exemplares, adiantando-se assim a todos os seus colegas que se servem dos comboios. A experiencia fez-se entre Londres e Bournemouth, porto de mar a oeste de Southampton, a cerca de 200 quilometros de Londres. O aeroplano, tipo Nieuport, partiu ás 6 horas e 25 minutos, hora em que o *Daily Mail* sai das maquinas. A's 7 horas e 10 minutos, isto é, 45 minutos após a partida, o avião aterrava no aerodromo de Bournemouth, onde o esperava um automovel que levou os exemplares a toda a parte, sendo o primeiro entregue á autoridade civil. Segundo declarou o piloto, a viagem pôde ser muito mais encurtada, visto que o tempo lhe foi muito desfavoravel, sendo a vantagem d'esta experiencia muito mais notavel quando se trate de distancias grandes. O *Daily Mail* vai ser enviado, por este meio, a outras grandes povoações e cidades, levando impresso o distincto: *Remetido pelo aeroplano*. Se as futuras experiencias confirmarem o bom resultado d'este primeiro ensaio, é de crer que a aviação venha a ser um poderosissimo auxiliar da grande imprensa mundial.